

# A RELAÇÃO ENTRE A NEUROCIÊNCIA E A PSICANÁLISE: UMA REFLEXÃO TEÓRICA

Yonã Freire Ferreira<sup>1</sup>

Mara Dantas Pereira<sup>2</sup>

Ana Beatriz dos Anjos Silva<sup>3</sup>

Luana Souza Conceição<sup>4</sup>

Petruska Passos Menezes<sup>5</sup>

Psicologia



**cadernos de  
graduação**

ciências biológicas e da saúde

ISSN IMPRESSO 1980-1769

ISSN ELETRÔNICO 2316-3151

## RESUMO

O objetivo deste estudo é realizar uma reflexão sobre a neurociência e a psicanálise, explorando possibilidades de articulações entre estes domínios do conhecimento, com base nos pressupostos teóricos que apresentam a estruturação da neuropsicanálise. Nesse contexto, surgiu tímida entre os psicanalistas que arriscavam estudar a relação entre os conceitos e achados da psicanálise com pesquisas da neurociência, mais precisamente na década do cérebro em 1994. Dessa forma, no meio de inúmeras atuações da neuropsicanálise vem fornecendo, sobreleva a aplicação da teoria psicanalítica para a compreensão do significado de deliberados sintomas presentes em pacientes neurológicos. Conclui-se que a relação entre a neurociência e a psicanálise apresenta eficácia e avanços na ótica da pesquisa e da clínica, desde que respeitando as peculiaridades de cada uma.

## PALAVRAS-CHAVE

Neurociência. Psicanálise. Contemporaneidade.

## ABSTRACT

The purpose of this study is to carry out a reflection on neuroscience and psychoanalysis, exploring possibilities of articulations between these domains of knowledge, based on the theoretical assumptions that present the structuring of neuropsychanalysis. In this context, it appeared timid among psychoanalysts who risked studying the relationship between the concepts and findings of psychoanalysis with neuroscience research, more precisely in the decade of the brain in 94. Thus, in the midst of innumerable performances of neuropsychanalysis has been providing, it surpasses the application of psychoanalytic theory for the understanding of the meaning of deliberate symptoms present in neurological patients. It is concluded that the relationship between neuroscience and psychoanalysis presents efficacy and advances from the point of view of research and clinical practice, while respecting the peculiarities of each one.

## KEYWORDS

Neuroscience. Psychoanalysis. Contemporaneity.

## 1 INTRODUÇÃO

Freud acreditava ser o psiquismo humano, em primeiro lugar, a atividade de aparelho de um corpo vivo, operando em relação direta com o meio envolvente. Esta operação psíquica é coexistente, subjugada e conjunta à atividade do sistema nervoso, estando o cérebro o nosso "órgão anímico". Desse modo, o aparelho psíquico é constituído por mecanismos de representações articuladas em rede, da forma em que qualquer variação em uma região de um sistema *sui generis* é capaz de atingir as regiões vizinhas em função de sua potência (WINOGRAD, 2006).

Dessa forma, na obra o Projeto para uma Psicologia Científica (FREUD, 1895), no tocante em que Freud presume uma rede neural distribuída em três sistemas específicos, e o que antecipou para conexões importantes sobre neurônios para a neurociência do século XX. O projeto freudiano surge com duas ideias básicas: (1) raciocinar a dissimilitude entre a ação e o repouso a partir do funcionamento de uma energia Q, exposta às leis gerais do movimento; (2) suspeitar que as partículas materiais em jogo são neurônios. Ou seja, o neurônio é apontado como o suporte material ao elemento que forma o aparelho psíquico. Os neurônios são de unidade distintas, mas da mesma natureza, com a relação do contato do organismo com o meio. Onde os neurônios se agrupam em três sistemas divergentes: sistema  $\psi$ , sistema  $\phi$  e sistema  $\omega$  (WINOGRAD, 2006).

Pressupostos que apresentam a associação entre a psicanálise e a neurociência podem ser identificados, então, partindo do pensar freudiano de que se sustentou até o final com o conceito de que os fenômenos mentais dispõem de um imo biológico.

Freud perpetuamente contemplou uma amarração do psíquico no domínio do biológico, em nenhum momento predizendo que o aparelho psíquico seria uma entidade metafísica. Apesar disso, considera o surgimento do psíquico com a história do sujeito, história da espécie humana, sociedade e cultura (FAVERET, 2016).

A neuropsicanálise surgiu tímida entre os psicanalistas que arriscavam estudar a relação entre os conceitos e achados da psicanálise com pesquisas da neurociência, mais precisamente na década do cérebro em 1994, com a constituição do grupo de estudos de neurociência e psicanálise do Instituto de Psicanálise de Nova York, no qual os psicanalistas, liderados por Arnold Pfefer, procuraram em neurocientistas da Universidade de Columbia, como James Schwartz, os saberes neurocientíficos que conseguissem correlatar com os estudos psicanalíticos. Se adentrava uma permuta de informações e conhecimentos entre psicanalistas e neurocientistas (SOUSSUMI, 2006).

Na atualidade, alguns dos psicanalistas e neurocientistas tencionam entre a exploração das confluências entre fato biológico e fato psíquico. Ao contrário do inconsciente cognitivo, no qual permaneceriam o automatismo e reações que efetivamos, o inconsciente freudiano é desenvolvido por particularidades expostas pelas experiências vividas, as quais se relacionam com o modo de formação de uma personalidade singular. Podemos acompanhar na neurologia moderna, a ideia de traço referente as alterações das experiências, ocasionando uma conexão com a rede neural. Em consequência, os traços das experimentações que concerniriam a um campo favorecido por questões que circundam a neurociência e a psicanálise (PINHEIRO; HERZOG, 2017).

Contudo, atualmente se destaca o fato que a rede neural não é impermeável e permanente, todavia aberta a alterações. Sinapses se modificam em sua forma, tamanho e quantidade em conformidade com as experiências, sabendo a relação direta com os sentidos corporais. A hipótese da neuropsicanálise é que traços da memória inicial se se reorganizam por meio da plasticidade neural que dão origem a uma existência inconsciente interna que reage aos caminhos do sujeito (PINHEIRO; HERZOG, 2017).

Ainda, existindo, a eclosão de uma consciência processada (fundamentalmente à associação com à linguagem) que conseguimos associar a um inconsciente explícito, melhor dizendo, um inconsciente coordenado com a linguagem. É o hipocampo que possibilita a tradução das memórias implícitas em memórias explícitas, concedendo o recalque originário e facultando a origem do inconsciente explícito, quer dizer, um aglomerado sistemático de memórias explícitas (LYRA, 2007).

Comumente se questiona, o que seria recalcado no recalque originário? A resposta se desenvolve de maneira simples: o que não for traduzido pelo hipocampo, ou seja, aquelas memórias emocionais e procedurais que perduram implícitas. Pelo meio do recalque originário, entretanto, a consciência primária é procedida pela consciência efetuada: em direção para o futuro, toda a vivência subjetiva passa a ser indicada pela linguagem (LYRA, 2007).

O respectivo estudo tem objetivo de realizar uma reflexão sobre a neurociência e a psicanálise, explorando possibilidades de articulações entre estes domínios do conhecimento, com base nos pressupostos teóricos que apresentam a estruturação da neuropsicanálise.

## 2 DISCUSSÃO TEÓRICA

Primeiramente, antes do anseio de realizar uma esclarecimento científico sobre a psicanálise, se faz adequado pleitear sobre as raízes históricas e as defluências da neuropsicanálise devem ser consideradas. Na época em que Freud fez seu treinamento neurológico, esta área ainda era recente, tendo como base métodos científicos específicos, método que correlacionasse o saber clínico com o anatômico. Buscou-se, então, respostas para profusas anormalidades clínicas comparando os resultados de autópsia patológica, assim são encontrados os sintomas, tornando concebível a localização de distúrbios e o início do tratamento específico, criando o conceito de síndromes clínicas (BOEKER, 2018).

Freud (1913) em sua obra *Totem e Tabu*, expõe que o mundo externo é em grande parte produzido pela projeção da percepção sensorial, bem como no mundo interno pelas percepções da emoção juntamente com as ordens dos pensamentos. Podendo acrescentar a passagem “a mente, opera unicamente interna concebendo uma experiência da realidade...”; “a mentalidade está sob a consciência?”. Neste contexto, é um alicerce basilar que não estará inerte, a luta pela alucinação é capturada pela dinâmica e insustentável no fluxo da consciência, onde penetra e urde com a consciência da realização parcial ao mundo externo (KESSLER, 2011, p.).

No cenário atual, apesar de Freud considerar os eminentes fatores que constituem o aparelho do psíquico como: história do sujeito, história da espécie humana, sociedade e cultura. Todos os elementos anteriormente citados formam a constituição do sujeito, conquanto eles são herdados geneticamente ou fruto de modificações do desenvolvimento genético. Diante disso, a psicanálise não tem argumentos e sim é importante ouvir atenciosamente a evolução que surge no campo da neurociência (URREGO, 2010).

Neste âmbito, alguns psicanalíticos em sua teoria, confessam que a psicanálise apresenta impedimentos epistemológicos, não podendo ser intitulada de uma ciência. Sendo utilizado para solucionar esta problemática a neurociência como base para reformulação da sua teoria e transfigura-se para um saber científico. O Neuropsicanalista Kandel (2005), expõe a psicanálise como a representação mais coesiva e com o saber devido da mente. Ele traz dois pressupostos: (1) a psicanálise não evoluiu cientificamente, nada mais consegue ser auferido ao ouvir o paciente em sessão, se faz necessário seguir o indicativo de Freud de um dia ser factível a teoria psicanalítica baseada na biologia; (2) as neurociências cognitivas são na época atual a ciência emblemática para se estudar o cérebro (GARCÍA, 2011).

Nessa conjuntura, a junção da neurociência e a psicanálise são de distintos domínios, epistêmicos e discursivo. Não ocorre de forma que um conhecimento complementa o outro, os dois se cruzam na linha do vazio e o fracasso, onde a psicanálise a medicina adere ao encontro da incongruência de cada campo de conhecimento. O diálogo surge ao decorrer da falta de conhecimento, como condição para questões serem formuladas (KELMAN, 2013).

Por conseguinte, são mantidas as oposições, havendo interação entre uma clínica a outra com hipóteses. A ciência reconhece a dimensão do conhecimento na

percepção do seu real, mas despreza a dimensão da verdade como causa material. Assim sendo, a negação da verdade que conduz o sintoma como escrita, na medida que se refere à singularidade do gozo do ser falante (KELMAN, 2013).

Um dos pioneiros Neuropsicanalistas no cenário brasileiro é Yusaku Soussumi (2003), ele aduz a contradição ao objetivar a epistemologia da neuropsicanálise, defendendo no primeiro momento que a psicanálise e a neurociência são duas ciências distintas com objetos e métodos inerentes de investigação, conseqüentemente não concebível reduzir uma à outra. É estabelecido como cabível a neurociência o reconhecimento e as correções dos erros, no aprimoramento dos dados inacabados e no paralelismo dos fenômenos psíquicos com os fenômenos neurais coexistentes ao a conjunção dos órgãos, das células e das moléculas (DAVIDOVICH; WINOGRAD, 2010).

Ao ter como referência os avanços da neurociência, em relação com a memória uma das fundamentais estruturas do cérebro para a composição das memórias conscientes que não são operantes no decorrer dos dois primeiros anos de vida, o que Freud explicou como amnésia infantil. À vista disso, as experiências da primeira infância, especialmente da relação entre mãe e bebê, intervêm na padronização das conexões cerebrais, se relacionando o padrão de nossos atos com os pensamentos (WINOGRAD, 2004).

No entanto, não somos capazes de lembrar destas tentativas conscientes. Neste momento, diversos estudos procuram sustentar a hipótese freudiana de recalque. Podendo ser citado o mecanismo neurológico de bloqueio da memória, por meio de imagens da ressonância magnética onde o mecanismo biológico é apresentado da forma que a pessoas perdem ativamente as lembranças indesejáveis (WINOGRAD, 2004).

A ligação entre a neurociência e a psicanálise concede a agregação de mente-corpo como um todo inerente, em que é provável verificar a presença de uma conexão contínua entre as expressões corporais e psíquica, de maneira inseparável. Entretanto, sempre atentos para o fato de que se a mente estiver apenas ao cérebro de uma maneira desacertada, onde o cérebro se manteve constante distante do corpo, deste jeito não concebendo a imensa estrutura (corpo e cérebro), se definindo um organismo enigmático (SOUSSUMI, 2006).

No meio de inúmeras atuações que a neuropsicanálise vem fornecendo, sobrelva a aplicação da teoria psicanalítica para a compreensão do significado de delirados sintomas presentes em pacientes neurológicos. A prática, a clínica e a pesquisa psicanalítica envolvem pacientes afetados por lesões cerebrais apresenta um grande crescimento (LANDEIRA-FERNANDEZ; CHENIAUX, 2009).

Nessa situação, questiona-se a compreensão da expressão do ser humano do sofrimento orgânico-neurológico, da relação do corpo, as pessoas e o mundo? Se faz fundamental uma visão expandida que desenvolva a colaboração da psicanálise e a neurologia, em uma visão agregada pelo conhecimento e a compreensão perscrutada de pessoas com Doença de Alzheimer, Mal de Parkinson, acidente vascular cerebral (AVC), cefaleias, epilepsia entre outras (BARRETO, 2016).

Alguns psicanalistas, não discernem os fundamentos neurológicos das ideias de Freud, acabam atinando mal o seu trabalho, utilizando do argumento que a pro-

dução teórica da psicanálise deve seguir afastada da neurociência indefinidamente. Alegando-se que é preciso tornejear dos métodos neurocientíficos de seja qual tipo, não considera os avanços e aglutinam puramente a clínica psicológica. Questionando se a neurociência favorece para o desenvolvimento teórico-prático da psicanálise (SOLMS; TURNBULL, 2016).

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que um equívoco ocorre ao subjugar a psicanálise à neurociência como se acontecesse uma hierarquia entre elas, apenas se interessando com o elucidário da segunda para a primeira. Embora este erro persevere em alguns círculos psicanalíticos de maneira inflexível, divergindo do espírito curioso de Freud, o criador da psicanálise. A vicissitude da conversação com outros campos que atuem no desempenho mental pode impulsionar a ótica da pesquisa e da clínica, desde que respeitando as peculiaridades de cada campo.

Portanto, não é necessário que psicanálise associe-se precipitadamente à construção teórica apresentada pela neurociência. Ao adverso, é essencial atentar como quem ouve um sujeito que transfere seu discurso para dentro da terapia psicanalítica e questionar de uma vez apenas acerca da história, imagem do pensamento que o indivíduo orienta sobre os saberes, ações inéditas que ela faculta.

Por fim, os psicanalistas devem estar atentos a uma visão ampla que fortaleça a colaboração entre a psicanálise e a neurociência, em uma concepção que direcione o conhecimento e a compreensão para a possibilidade de atender pacientes afetados por lesões cerebrais.

### REFERÊNCIAS

- BARRETO, R. A. Contribuições da psicanálise à neurologia. **Estudos de Psicanálise**, v. 1, n. 46, p. 143-150, dez. 2016.
- BOEKER, H. Psychoanalysis and Neuroscience: The Development of Neuropsychodynamic Psychiatry. In: BOEKER, H.; HARTWICH, P.; NORTHOFF, G. (Eds.). **Neuropsychodynamic Psychiatry**. Cham: Springer International Publishing, 2018. p. 19-48.
- DAVIDOVICH, M. M.; WINOGRAD, M. Psicanálise e neurociências: um mapa dos debates. **Psicologia em Estudo**, v. 15, n. 4, p. 801-809, dez. 2010.
- FAVERET, B. M. S. Neurociências e psicanálise: há possibilidade de articulação? **Psicologia Clínica**, v. 18, n. 1, p. 15-26, 2016.
- GARCÍA, H. F. Neurociencias y psicoanálisis: consideraciones epistemológicas para

una dialéctica posible sobre la subjetividad. **Revista de la Asociación Española de Neuropsiquiatría**, v. 31, n. 4, p. 661-678, dez. 2011.

KELMAN, M. S. Neurociencia, Psicoanálisis. **Actualidades en psicología**, v. 27, n. 114, p. 39-54, 2013.

KESSLER, R. J. Neuropsychoanalysis, Consciousness, and Creativity. **Neuropsychoanalysis**, v. 13, n. 2, p. 201-204, 1 jan. 2011.

LANDEIRA-FERNANDEZ, J.; CHENIAUX, E. Discussão de um tratamento psicanalítico sob a ótica das neurociências: a importância de sistemas implícitos e funções executivas no processo terapêutico. **Ciências Humanas e Sociais em Revista**, v. 30, n. 1, p. 13, 8 dez. 2009.

LYRA, C. E. DE S. O inconsciente e a consciência: da psicanálise à neurociência. **Psicologia USP**, v. 18, n. 3, p. 55-73, set. 2007.

PINHEIRO, E.; HERZOG, R. Psicanálise e neurociências: visões antagônicas ou compatíveis? **Tempo psicanalítico**, v. 49, n. 1, p. 37-61, jun. 2017.

SOLMS, M.; TURNBULL, O. H. What Is Neuropsychoanalysis? In: WEIGEL, S.; SCHARBERT, G. (Eds.). **A Neuro-Psychoanalytical Dialogue for Bridging Freud and the Neurosciences**. Cham: Springer International Publishing, 2016. p. 13-30.

SOUSSUMI, Y. Tentativa de integração entre algumas concepções básicas da psicanálise e da neurociência. **Psicologia Clínica**, v. 18, n. 1, p. 63-82, 2006.

URREGO, S. G. C. Reflexiones sobre la relación entre las neurociencias y el psicoanálisis. **Universitas Psychologica**, v. 9, n. 3, p. 729-736, 2010.

WINOGRAD, M. Matéria pensante: a fertilidade do encontro entre psicanálise e neurociência. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 56, n. 1, p. 21-34, jun. 2004.

WINOGRAD, M. Psicanálise, ciência cognitiva e neurociência: notas para uma interlocução sobre o corpo pensante. **Psychê**, v. 10, n. 19, p. 179-195, dez. 2006.

---

**Data do recebimento:** 14 de Junho de 2019

**Data da avaliação:** 21 de Junho 2019

**Data de aceite:** 24 de Junho de 2019

---

---

1 Graduada de Psicologia da Universidade Tiradentes – UNIT. E-mail: anayona@gmail.com

2 Graduada de Psicologia da Universidade Tiradentes – UNIT. E-mail: maradantaspereira@gmail.com

3 Graduada de Psicologia da Universidade Tiradentes – UNIT. E-mail: abeaanjos@gmail.com

4 Graduada de Psicologia da Universidade Tiradentes – UNIT. E-mail: luanasouza06111@gmail.com

5 Preceptora e Professora de Psicanálise na Universidade Tiradentes (Orientadora); Graduada em Psicologia pela Universidade Tiradentes (UNIT) e Psicanalista pela International Psychoanalytical Association – IPA.

E-mail: petruska.unit@gmail.com